

TRAVATURGIAS: O TEXTO COMO TERRITÓRIO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES COMUNITÁRIAS

Stéfani R. Mendes, Universidade Federal de Goiás¹

Takaiúna, Universidade Federal de Uberlândia²

Este trabalho investiga o conceito de “travaturgias” como uma prática dramatúrgica que atravessa e constrói identidades comunitárias, tensionando modos tradicionais de escrita e cena. A pesquisa se debruça sobre a obra de Ave Terrena, atriz e dramaturga travesti, propondo uma análise em três camadas interligadas. A primeira camada, autoral, compreende seu posicionamento político e estético contra práticas de *Trans Fake*, denunciando a apropriação de corpos e narrativas trans por pessoas cis e afirmando a centralidade da experiência travesti na criação. A segunda camada, performativa, destaca a co-criação entre texto e corpo, onde a dramaturgia se amplia a partir da vivência da pessoa intérprete trans, produzindo deslocamentos e tensionamentos que não cabem em moldes fixos de representação. A terceira camada, comunitária, emerge da elaboração de uma linguagem subversiva que gera novos imaginários de resistência, instaurando vínculos coletivos e afetivos que fortalecem a cena como espaço político de afirmação. O diálogo se estabelece com a metodologia Dramaturgias Emergentes, sobretudo a partir do Território do Texto, mas também em relação a outros territórios (como corpo, intérprete e afeto), situando a dramaturgia em processos de base comunitária e colaborativa. Nesse encontro, a noção de travaturgias é compreendida como uma prática expandida que não apenas narra histórias, mas cria mundos. Em consonância com Anzaldúa (2000), entende-se que a escrita dramatúrgica pode ser lugar de sobrevivência e reinvenção, um gesto que “salva da complacência”, reinscreve histórias apagadas e constrói autonomia. Assim, o trabalho aponta para a potência de uma escrita insurgente, capaz de articular dimensões

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, da Universidade Federal de Goiás. Bacharela em Direção de Arte. Dramaturga, Iluminadora Cênica e Performer: rosalem.stéfani@gmail.com

² Takaiúna é Dramaturga e Diretora Teatral. Criadora da metodologia Dramaturgias Emergentes com mediações realizadas em três continentes, Americano (México, Bolívia, Equador, Chile, Peru e Brasil), Africano (Guiné Bissau) e Europeu (Holanda). Fundadora da Escola Latino-americana de Dramaturgias Emergentes. Organizou a "Coletânea de Dramaturgas Goianas" primeiro livro do gênero no estado de Goiás. Doutoranda em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Uberlândia – bolsista FAPEMIG. É mestre no mesmo curso e instituição. Pós-graduada em Políticas Culturais de Base Comunitária FLASCO-Argentina. Licenciada em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Goiás.

autorais, performativas e coletivas, revelando a cena como lugar de invenção de futuros de resistência e de afirmação das subjetividades trans e travestis.

REFERÊNCIA

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Tradução de Édna de Marco. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-237, 2000.